

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano VIII

ABRIL - JUNHO DE 1946

N.º 2

ANÁLISES REGIONAIS

Prof. JORGE ZARUR

Secretário-Assistente do Conselho Nacional
de Geografia

Introdução

“More and more, regional analysis becomes the first essential for public administration” declarou o Prof. ODUM no fim de uma de suas conferências sobre o “regionalismo”, depois de ter exposto a supercentralização administrativa do Governo Federal dos Estados Unidos e as limitações de tôdas as espécies que os 48 Estados dêste país tinham para a solução dos seus problemas administrativos, levando em conta a enorme autonomia das unidades federadas americanas.

A maioria dos filósofos e dos defensores da planificação científica acredita que as regiões são as unidades mais lógicas e práticas para o feliz êxito dos seus trabalhos. Esta crença baseia-se na fato de que, para qualquer programa de planejamento nacional, as regiões serão úteis como meios práticos de se agruparem os recursos físicos e humanos, de maneira tal que possam ser correlacionados com os de outras regiões.

Na história do “regionalismo” a expressão “região” tem tido duas interpretações: uma considerando a sistematização regional como um meio para se conseguir contrôle; a outra, que a região é uma área com certos atributos reais e definidos. A primeira interpretação transformaria a região numa abstração e a segunda lhe daria o caráter de uma entidade real e concreta.

Estas duas idéias, que só aparentemente se chocam, originaram-se das premissas diferentes e se desenvolveram seguindo linhas de pensamento filosófico e experiências também diferentes.

O conceito de que a região é “uma área com atributos inerentes definidos” surgiu daqueles que têm estudado as realidades ecológicas físicas, sociais e econômicas. Êstes estudiosos das regiões concentraram seus esforços em descobrir meios de se agruparem os fatores reais da terra em complexos homogêneos, sem outro fim que o de estudos acadêmicos, descrição e análise, ignorando sua aplicação prática e utilitária.

Esta é a corrente acadêmica do “regionalismo”, que caracterizou a Geografia até bem pouco, sem ter nunca conseguido lhe dar o fôro de ciência.

O segundo conceito, de que as regiões são “meios” que facilitam o controle e a melhor administração, surgiu e evoluiu com aqueles que mais se interessavam pela regulamentação da vida social existente. Estes estudiosos, de mentalidade mais especulativa, não se preocupavam apenas com as realidades físicas, pois questões de administração e policiamento constituíam seus principais objetivos. Conseqüentemente passaram a considerar a região mais como um “meio” do que um “fim”. Deixaram as regiões de ser verdadeiras entidades que se desenvolveram dos elementos geográficos, físicos e culturais.

Estas duas idéias básicas do “regionalismo” quando aplicadas separadamente se excluem, como dissemos. Porém o conflito é mais aparente que real, crescendo ainda que os problemas regionais de países como o Brasil, de área imensa, devem e precisam ser estudados e bem sistematizados em suas partes subnacionais. Aí se torna necessária a integração das duas premissas básicas. Necessita então o “regionalismo científico” da união dessas duas idéias para se tornar elemento de unidade nacional, em vez de verdadeiro “balcanizador” dos países de áreas grandes e formação nova.

Infelizmente é esta a tendência moderna do “regionalismo”, que se sublimou na técnica das “análises regionais” ou, em outras palavras, da Geografia a serviço do homem: Geografia utilitária.

Definições de regiões

Será deveras difícil encontrar, na Geografia moderna, assunto tão importante quanto este do “regionalismo”, onde as opiniões são tão contraditórias e até certo ponto se invalidam. A controvérsia está na definição de região e na sua conceituação básica.

O estudo da variabilidade dos critérios empregados na análise do grande número de regiões, sub-regiões e zonas em que foi dividido o Brasil, prova na prática a afirmação feita acima.

As definições existentes são inúmeras e para facilitar a sua apresentação poderemos dividi-las em três grupos: primeiro — as abstrações generalizadas dos dicionários usuais, que comumente definem “áreas” e não “regiões”. Os dicionários apresentam definições imprecisas e vagas de região. Em outras palavras, preocupam-se mais com “áreas indefinidas”.

Classificam-se em segundo lugar as definições das regiões como sendo um complexo, um agrupamento, ou ainda a combinação de elementos físicos estáticos.

As definições são neste caso mais claras, valendo a pena destacar a famosa de JOSIAH ROYCE, que se resume no seguinte: “Região, província ou secção, é qualquer parte de um domínio nacional, suficientemente homogênea fisiograficamente ou socialmente, possuindo verdadeira consciência dos seus próprios costumes, tradições e ideais”... etc. etc...

Outros, como MILL, ao discutir o “regionalismo” sob êste ponto de vista estático, afirmam que o verdadeiro escopo e conteúdo da Geografia só poderá ser completamente entendido pelo estudo sistemático das regiões, terminando por admitir que a Geografia moderna não é mais do que “regionalismo”.

Conclui-se, pela análise das definições apresentadas, que o segundo grupo considera a região um complexo homogêneo de elementos estáticos e que os fatores de diferenciação são as características “físicas” ou “humanas”.

Os regionalistas estáticos foram e são sèriamente criticados por considerarem a Geografia uma ciência passiva, contrária portanto à filosofia moderna da “ciência da Terra”, que preconiza o regionalismo dinâmico como um meio de apresentação ou processo de racionalização de trabalho, permitindo a regionalização dos dados, facilitando a classificação, a descrição e a análise dos mesmos. Sob o ponto de vista estático as áreas aparecem personificadas em regiões agrícolas, fisiográficas, climáticas, lingüísticas, industriais e etc., tôdas elas de caráter mais unilateral.

ROBERT HALL clara e brilhantemente concluiu, ao defender a filosofia acima descrita. “Êste conceito (estático) regional permitiu à História a concepção da doutrina do “seccionalismo”, à Antropologia a das “áreas culturais”, à Sociologia a da “situação total”, à Economia a do “domínio econômico”, à Biologia a das “áreas bióticas”. Finalmente no campo da Política, uma ciência quase que sòmente especulativa, o “regionalismo” é um instrumento materializante que permite o funcionamento inteligente e racional do govêrno como também permite ao grupo social compreender sua posição e suas possibilidades”.

O terceiro grupo de definições interpreta a região como sendo uma área intrinsecamente constituída de elementos reais, dinâmicos e interdependentes.

Neste grupo a Geografia passa a interpretar a região sob os dois pontos de vista — “físico” e “humano” — como uma entidade dinâmica sempre em mudança, cujos fatores físico-humanos se interrelacionam, alterando-se no correr do tempo. Êstes cientistas vêem a região como sendo a área onde as causas são combinadas, formando novas unidades reais causais que podem servir à solução dos problemas relativos à felicidade e bem estar das populações que a ocupam.

O Prof. ODUM, já por nós citado colecionou no seu livro *American Regionalism* perto de 40 definições que, de um modo geral, podem ser resumidas no seguinte:

“Região é uma área concreta, na qual a combinação dos fatores ambientais e demográficos criaram uma estrutura econômica e social homogênea”.

Assim, o “regionalismo” será considerado como a integração dos fatores ambientais-físico-econômicos, sociais e governamentais, for-

mando uma entidade homogênea, como consciência distinta, com certa autonomia, com manifestações culturais peculiares, e integrada no domínio *nacional*.

Podemos, ao concluir esta parte de nossa palestra, sustentar que os conhecimentos humanos modernos na sua maior porção têm que lidar com áreas ou regiões definidas. Assim sendo, torna-se o objetivo principal do geógrafo a caracterização de regiões, transformando a Geografia em ciência valiosa e útil, que lida não só com áreas abstratas como também com regiões específicas, fornecendo aos interessados, de acôrdo com BOWMAN "um quadro dos fatores físicos, região por região, de todo o Mundo e as explicações unitárias dos fenômenos físicos de acôrdo com as leis desenvolvidas pelo método experimental, seguindo os processos indutivos e dedutivos e a identificação das características regionais físicas e humanas pelo método estatístico preciso e pelas observações diretas feitas no campo". *

As análises regionais

Como tôda ciência, o "regionalismo" é a filosofia e "análise regional" é a técnica.

As "análises regionais" resultaram da metodologia regionalista como seu produto último, tornando-se essencial para a administração e negócios. Pesquisam a relação *Terra e Homem*, onde esta se apresenta em continuidade e unidade de desenvolvimento, dentro do equilíbrio geográfico, fornecendo às populações os conhecimentos básicos para se conseguir um padrão de vida aceitável.

A "análise regional", como o próprio "regionalismo", é o campo onde as ciências sociais e físicas se encontram e cooperam, pondo-se ao serviço do homem.

O significado e as conseqüências desta fase do "regionalismo" são grandes. Os nossos estudos procuram interpretar a sociedade viva no sentido mais genérico, aumentando o valor econômico e cultural da população local (em nosso caso os estudos dos Municípios) em relação ao todo; consideram também o conhecimento da situação da população regional como básica para o bom desenvolvimento do todo nacional.

Sob o ponto de vista mais prático, as "análises regionais" procuram dar aos países uma economia mais equilibrada nesta fase crítica de

* O conceito regional não é novo. Já existiu com o caráter descritivo entre os historiadores egípcios e babilônios. Com este caráter, acompanhando a evolução da Geografia, ou melhor, sendo a própria Geografia, assim se manteve até os nossos dias.

O "regionalismo" moderno foi muito influenciado pela teoria da evolução e mudança em contraste com o pensamento clássico de um mundo estático. Um dos grandes representantes deste pensamento foi KANT.

Foram grandes regionalistas, cada um com alguns detalhes peculiares os seguintes geógrafos: HUMBOLDT, RITTER, RATZEL, VIDAL DE LA BLACHE, DEMANGEON, BLANCHARD, DE MARTONNE, PASSARGE, HETTNER, FREDMAN, HERBTSON, MACKINDER, MILL e ROBY.

Nos Estados Unidos o "regionalismo" se apresenta sob uma nova forma e com um caráter mais utilitário sendo grandes regionalistas FINCH, SAUER, BARROWS, COLBY, PLATT, JAMES, HUDSON, CRESSEY, FENEMMAN, MAC CARTHY, ROTTERUS, JONES, etc.

fôrças econômicas e ideológicas em conflito. Na administração oferecem o meio mais seguro da descentralização administrativa. A base da “análise regional” é a Geografia Econômica.

Vista a filosofia, vamos em traços gerais mostrar a técnica.

O método

A primeira função da “análise regional” é de caráter local, procurando armar o planejador com os elementos positivos e negativos da região, possibilitando a sugestão de um programa prático que auxiliará a desenvolver os recursos locais e a mitigar e diminuir o efeito das fôrças naturais negativas.

Em segundo, procura dar aos administradores federais a compreensão dos problemas regionais necessária para a formulação de legislação de programas e planos de obras públicas.

A primeira função do método é esclarecer as situações seguintes: 1) Quais os meios de vida da população? 2) Quais os recursos naturais, além da terra, usados nas atividades econômicas? 3) Está-se fazendo uso completo dos recursos naturais? Se não por que? Quais as causas do desequilíbrio da estrutura econômica? Quais as medidas que poderão remediar e prevenir este e outros desequilíbrios? Como atuam as instituições sociais?

A segunda função procura mais a integração da análise na “síntese nacional”, no todo, procurando atender aos seguintes problemas —: O projeto que pretendemos executar está de acôrdo com a política nacional?

Em todos os casos procura a “análise regional” o entrosamento da vida regional no complexo nacional.

A apresentação da análise

A “análise regional” é apresentada em 2 formas: 1 — um quadro sumário, acompanhado de mapas significativos e gráficos estatísticos e 2 — um relatório detalhado.

O quadro sumário deve ser suficientemente condensado, e além do texto deve ter um pequeno mapa locativo e outros que esclareçam as conclusões. Os mapas podem ser os do tamanho médio da propriedade, e gráficos com as principais estatísticas regionais e etc...

A “análise” completa deverá ser apresentada num relatório e servirá principalmente para consultas e referências sobre problemas específicos.

O plano da "análise" deverá ser geralmente organizado da seguinte maneira:

- I — A população, sua ocupação e padrão de vida.
- II — Fatores que influem na economia regional.
 - A — Os recursos naturais. (Análise geográfica ou física).
 - B — Atividades e instituições. (A análise cultural).
- III — Direção do reajustamento ou desenvolvimento desejáveis.
- IV — Programas e realizações nos campos:
 - A — Legislativos
 - B — Administrativos
 - C — Pesquisas
 - D — Trabalhos públicos
 - E — Prazos para a execução dos programas necessários.

Áreas apropriadas para a aplicação dos métodos das "análises regionais".

As áreas ideais são aquelas que se apresentam homogêneas sob o ponto de vista de sua economia, e que permitem o estudo dos principais problemas relacionados com o trabalho produtivo e as condições sociais da região. Como exemplo podemos citar as 198 zonas geográficas recentemente aprovadas pelas assembléias do CNG e do CNE.

Grandes centros metropolitanos devem ser analisados em separado devido à concentração e aos problemas de natureza diferente. Nas regiões predominantemente rurais, a terra é o elemento principal de produção e o progresso local acha-se condicionado pela natureza do solo, elevação, vegetação, clima, águas, relevo e densidade de população. Áreas assim delineadas quase sempre coincidem com acidentes físicos da terra, o que nem sempre sucede nas regiões onde os fatores dominantes são a indústria e o urbanismo.

Superfície de região a ser analisada

I — Varia de acordo com a consistência e homogeneidade do grupo. Precisa-se ter em vista que as regiões devem ser grandes o bastante para permitirem a aplicação econômica do trabalho e capital. O autor desta conferência fez com bons resultados a análise de uma região a princípio considerada muito extensa.*

Como se deve geralmente aplicar o método

- I — Trabalho preliminar
 - a — levantamento de material existente
 - 1 — estatísticas
 - 2 — relatórios
 - 3 — obras feitas e em andamento
 - 4 — execução do relatório preliminar.

* O Médio São Francisco — uma análise regional.

Este levantamento deve conduzir ao conhecimento preliminar da região e permite a primeira tentativa de delimitação da área, seus problemas e tendências, solução proposta para os problemas, e conhecimento de trabalhos públicos executados e em execução.

O relatório preliminar consiste na composição e apresentação do material de Gabinete, e sujeito à crítica no campo.

2 — Trabalho no campo

Permite o contacto direto e verificação da variação dos problemas e oportunidades.

As informações estatísticas coligidas previamente serão suplementadas com "inquéritos-amostra", localização e observação direta, e os julgamentos prévios serão completados com a observação da situação real.

Um outro objetivo do trabalho de campo é colhêr material já publicado que não chegou aos grandes centros.

Entretanto, o maior objetivo do trabalho no campo, além da observação da paisagem, é a apreensão, pelo analista, da psicologia regional pelo contacto direto com a população local. O analista deve ter em mente, quando no campo, a verificação dos seguintes pontos:

1 — Conferir as várias descrições sôbre a economia regional, assegurar-se de que a prioridade justa foi dada a todos os fatores relacionados e que nada de importante foi omitido.

2 — Apresentar as análises feitas em palestras aos habitantes locais, com sugestões específicas para discussão, afim de verificar da sua solidez e idoneidade, participando também dessas discussões com seu ponto de vista.

3 — Preparo do relatório final e quadro sumário.

O trabalho no campo permite a revisão do relatório preliminar e o uso das novas informações.

4 — Revisão da "análise".

1 — Submeter a pessoas bem informadas do local e conhecedoras da região, a "análise" feita.

2 — Discussão em seminário, onde tomarão parte técnicos e especialistas.

Limitações do método.

Apesar de ser objetivo do método apresentar em forma completa o material de pesquisas existentes e novo, concluindo com um programa real de trabalho para desenvolvimento racional, a "análise" não prescinde de estudos posteriores mais completos sôbre problemas específicos. Uma das recomendações pode ser esta, de que se faça mais estudos sôbre certo aspecto da região considerada. Na realidade o método deve servir de estímulo para outras pesquisas. Em certos casos o método deve servir para a verificação *testing ground*, como dizem os americanos para as conclusões de certos estudos já feitos.

A segunda limitação é que a "análise" deve ser suplementada por projetos específicos para a solução de problemas técnicos, porque o analista apresenta a região em conjunto e não com as soluções técnicas necessárias para a construção de certas pontes, planos de dragagem e etc. O método pretende fornecer a orientação geral, mas os planos detalhados para as várias partes do programa proposto devem ser feitos por técnicos qualificados.

A terceira limitação é que as recomendações feitas às linhas de reajustamento desejável constituem somente um auxílio ou instrumento ao administrador e não uma resposta completa às necessidades totais da região. A "análise" deve depois ser desdobrada em outros estudos.

Finalmente, sente-se que uma alta percentagem dos problemas de uma área não podem ser resolvidos somente pela consideração de certa região, especificamente, como se fôsse um elemento estanque. Muitos dos problemas apresentados são dependentes dos ajustes inter-regionais. Como exemplo poderemos citar o declínio de certas oportunidades econômicas em determinadas áreas, o que só poderá ser resolvido pelo provimento de recursos de outras partes, onde as possibilidades são maiores. No Brasil o caso da decadência do vale do São Francisco é devido ao declínio do ouro, mais ao sul.

Muitos problemas de certas regiões estão ligados às flutuações internacionais e devem ser considerados nestes termos. Outros só poderão ser considerados se levarmos em conta o país em seu todo.

As "análises regionais" no Brasil

Nenhum país precisa mais das "análises regionais" que o nosso Brasil, país novo com enormes áreas desconhecidas e outras já ocupadas há bastante tempo, precisando porém de um reajustamento econômico e social. Não haverá progresso sólido e natural se não planejarmos nossos trabalhos conhecendo as realidades regionais de nossa terra.

Nenhuma instituição está melhor aparelhada que o I. B. G. E. para esta obra. Aqui podemos aliar os dois elementos básicos para tôdas as "análises": o "número e o mapa". O número medindo e o mapa distribuindo e verificando a extensão dos fenômenos.

Com êste pensamento em mira, houve por bem os dirigentes do I. B. G. E. incentivar e favorecer sob tôdas as formas a realização desta obra, que reputo essencial para a vida e progresso de nossa terra. Aqui já foram começadas as "análises regionais" que foram introduzidas no país pelo C. N. G.

O envio de técnicos para os Estados Unidos, a divisão regional agora aprovada pelas assembléias de Estatística e de Geografia, fornecemos as bases preparatórias do trabalho que em linhas gerais vou abaixo programar.

A nossa primeira etapa, já iniciada no C. N. G., é o levantamento do material existente, referente às grandes regiões. Para a feitura dos trabalhos preliminares de reconhecimento.

A Divisão de Geografia do C. N. G. foi organizada e aparelhada para atender às cinco grandes regiões e terá uma equipe em cada uma delas. Os chefes destas equipes estão nos Estados Unidos da América se especializando nestas técnicas.

A segunda fase do trabalho será a do estudo das sub-regiões. Acho que devemos considerar as grandes regiões em conjunto com as regiões.

A terceira fase será a "análise" das zonas geográficas e os dados estatísticos por distritos virão fornecer melhores informações para a caracterização das 199 zonas brasileiras.

Quando este sonho for realizado poderemos dizer que as leis e os negócios no Brasil serão planejados com o conhecimento verdadeiro da realidade nacional.

Conclusões

Ao concluir quero afirmar que o "regionalismo" não pretende nem quer levar ao seccionalismo nem é segmentação política e não deve ser confundido com o localismo estéril.

O "regionalismo" é a integração de fatores ambientais, econômicos, sociais e governamentais formando uma entidade, com uma consciência distinta, com certa autonomia e com manifestações peculiares.

Regiões são unidades reais, mais que abstrações e que existem com um conteúdo definido e reconhecível organizadas, formando sub-unidades nacionais.

O "regionalismo" e especialmente as "análises regionais" querem transformar o Estado num elemento criador de valores em vez de parasita e policial; fazer com que as nações passem a tomar conhecimento das suas possibilidades econômicas e a necessidade de usar bem e conservar as riquezas naturais, das quais dependem os interesses das gerações que se sucedem. Finalmente, como o problema da distribuição justa da riqueza e bem estar das populações e em dever do Estado, os planos de governo e administração transcendem as jurisdições políticas existentes e passarão como outros problemas nacionais a ser resolvidos depois de conhecidas as possibilidade regionais.

Concluindo com BARROWS, quero dizer que: "Não se pode idealizar uma legislação e administração para cada milha quadrada de terra. Unidades maiores ou associações naturais têm de ser adotadas. A apresentação no mapa dos fenômenos mensuráveis da vida auxiliam o grupo social a compreender melhor a sua posição no âmbito nacional e internacional, a conhecer suas possibilidades e limitações. Assim, também, a análise regional auxiliará decisivamente o governo a operar inteligentemente porque este tem que lidar com regiões concretas.

RESUMÉ

Monsieur le Professeur JORGE ZARUR, Assitant de Monsieur le Secrétaire du Conseil National de Géographie (C. N. G.) présente dans cet article le problème des études et analyses régionales, qui joue un rôle important dans les études modernes de la géographie.

Il commence par montrer qu'il existe entre les géographes deux points de vue en opposition: les uns trouvent que la région est une chose abstraite, indéfinie, tandis que d'autres, au contraire, considèrent la région comme une entité réelle, bien définie.

Ces attitudes conduisent à des procédés qui s'excluent lorsqu'ils sont appliqués séparément, mais se complètent dans une vue d'ensemble. La région est définie de plusieurs manières, lesquelles offrent, suivant les auteurs, des profondes divergences et sont même parfois contradictoires. Ces définitions peuvent être divisées en trois groupes: dans le premier groupe, l'auteur a réuni les définitions qui figurent dans les dictionnaires, lesquelles sont en général vagues et imprécises; dans le second, le régionalisme sert de critérium principal pris dans le sens d'un complexe homogène constitué d'éléments statiques dont les facteurs de différenciation sont représentés par les caractéristiques *physiques* et *humaines*; et, dans le troisième, la région est considérée comme étant une aire constituée intrinsèquement d'éléments physiques et qui dépendent les uns des autres.

L'auteur trouve que les analyses régionales ont une grande valeur économique, culturelle, scientifique et administrative. Quant à la méthode à être employée, l'auteur dit que la première finalité de l'analyse régionale consiste dans la détermination des genres de vie locaux et des ressources autres que celles de la terre, tout en fixant la région dans l'ensemble du pays, etc., et, ensuite, il faut donner connaissance au gouvernement des problèmes relatifs à la région étudiée, en les situant de manière à faciliter l'introduction des mêmes dans l'ensemble des problèmes du pays qui forment pour ainsi dire une synthèse nationale.

L'auteur montre, ensuite, la manière d'exécuter une étude régionale, laquelle doit comprendre des cartes, des graphiques et des rapports, où doivent figurer: 1.º) la population avec sa distribution et différents genres de vie; 2.º) les facteurs qui ont une influence sur l'économie de la région; 3.º) suggestions relatives à la meilleure manière de solutionner les divers problèmes existant dans la région étudiée; 4.º) programme pour la réalisation des travaux suggérés. Les aires qui se prêtent le mieux à ce genre d'expériences sont celles qui présentent une certaine homogénéité quant à l'économie et à la population de la région en question. Les agglomérations urbaines doivent être étudiées à part, vu la complexité des problèmes qu'elles offrent. Cette manière de procéder doit s'appliquer aux aires de grande extension afin de vérifier, en premier lieu, quels sont les travaux déjà existants sur la région considérée, pour s'adonner, ensuite, au travail sur le terrain qui permet d'entrer en contact avec le paysage et les habitants tout en étudiant la psychologie et les problèmes des mêmes.

Ce genre d'études s'applique merveilleusement bien au Brésil étant donné l'extension du pays, la petite densité de la population et le progrès économique encore très rudimentaire. L'auteur fait ressortir l'intérêt pris par le Gouvernement dans les travaux réalisés dans ce sens par l'Institut Brésilien de Géographie et Statistique, et met en évidence les mesures déjà prises en vertu des études faites pour délimiter le Brésil en région homogènes, ce qui permettra une meilleure étude des mêmes.

En finissant, l'auteur observe qu'il ne faut pas envisager le régionalisme comme étant une source de fragmentation politique, mais plutôt, comme une conséquence de l'influence de plusieurs facteurs d'ordre économique, social et publique formant des entités qui ont des problèmes particuliers et dont les gouvernements doivent prendre science.

RESUMEN

El autor, Prof. JORGE ZARUR, Secretario-Assistente del C. N. G., focaliza en el presente trabajo, el problema de los estudios de Analisis Regionales, problema éste tan ligado hoy a la Geografía moderna.

Aprecia, de inicio, las dos corrientes hoy en voga en investigaciones geográficas: la de los que tienen la "region" como una cosa indefinida, abstracta, y la de los que la consideran como un hecho concreto, con atributos definidos y objetivos reales.

Los procesos usados por estas dos corrientes cuando aplicados separadamente, se excluyen, mas cuando encarados en conjunto, se completan. Las definiciones de "Regiones" son varias, y a cada paso se encuentran divergencias profundas entre los autores que tratan del asunto, cuyas definiciones a veces se invalidan unas e otras. Estas varias definiciones se pueden reunir en 3 grupos. En el primero, el autor clasifica las diversas definiciones encontradas en diccionarios, generalmente imprecisas y vagas. En el segundo grupo, el regionalismo es focalizado como siendo un complejo homogéneo de elementos estáticos en que los factores de diferenciación son las características "físicas e humanas". En el tercero grupo, las definiciones interpretan la región, como siendo una área intrínsecamente constituida de elementos físicos y humanos reales, dinámicos e interdependientes.

Considera los análisis regionales de gran valor y utilidad económica, cultural, científica y administrativa. Cuanto al método empleado, dice el autor que la primera función del análisis regional es de carácter local y tiene por fin la indagación de los medios de vida de sus habitantes, recursos naturales además de la tierra, situación en el todo nacional, etc., y en segundo lugar dar conocimiento a los poderes públicos de los problemas regionales, integrando los en lo que el autor llama de "Síntesis Nacional".

En seguida, muestra como debe ser hecho un análisis regional, debiendo ser presentado en mapas, gráficos y relatorios en que constarán además 1.º: población, su ocupación y padrón de vida; 2.º, factores que influyen en la economía regional; 3.º, dirección del reajustamiento ó desenvolvimiento deseables; 4.º, programas y realizaciones. Las áreas para tales experiencias serán las que se presentan homogéneas bajo el punto de vista económico y poblacional, siendo que los centros de población urbana deberán ser estudiados aparte, a causa de la complejidad de otros problemas. Este método debe aplicarse en áreas lo más extensas posible, teniendo preliminarmente como objetivo, constatar el material ya existente y, en segundo lugar, el trabajo del campo, que permite al observador entrar en contacto con el paisaje y conocer de cerca la población su psicología y sus problemas.

A respecto del Brasil, dice el autor que ningún otro país necesita tanto de análisis regionales como éste. País de una gran extensión territorial, de poca densidad demográfica y desarrollo económico muy precario. Realza el interés que há despertado el problema en los medios responsables del país, y las medidas tomadas, destacando la actuación del Instituto Brasileiro de Geografía, incentivando por todos los medios las actividades en este sentido, preparando técnicos, dividiendo el Brasil en zonas regiones para mejor estudiarlo.

Concluyendo, dice que no se debe encarar el regionalismo como segmentación política, como se acostumbra decir, sino mirando el problema através de otro prisma: como siendo el regionalismo una integración de factores ambientales, económicos, sociales, de orden política, formando una entidad con problemas peculiares que deben ser conocidos por los gobiernos.

RIASSUNTO

Il prof. JORGE ZARUR, Segretario Assistente del Consiglio Nazionale di Geografia, tratta degli studi di analisi regionale, tipici della geografia moderna.

Comincia col discutere le due tendenze in contrasto nelle ricerche geografiche: quella che considera la regione come un concetto astratto, e quella che la considera come un fatto concreto, con attributi definiti e fini reali.

I procedimenti che si applicano secondo queste due tendenze, impiegati separatamente, si escludono a vicenda, ma, debitamente coordinati, si completano reciprocamente. Esistono molte e varie definizioni di "regione" e gli autori che le danno divergono profondamente tra loro e a volte si contraddicono l'uno coll'altro. Si possono classificare le definizioni in tre gruppi: il primo comprende quelle date in dizionari, generalmente vaghe ed imprecise; il secondo, quelle in cui la regione è riguardata come un complesso omogeneo di elementi statici, i cui fattori di differenziazione sono i caratteri fisici od umani; il terzo, quelle in cui la regione è considerata come un'area intrinsecamente costituita da elementi fisici e umani reali, dinamici e interdipendenti.

L'autore considera le analisi regionali di grande valore ed utilità economica, culturale, scientifica ed amministrativa. Quanto al metodo da impiegarsi, la prima funzione dell'analisi regionale è di carattere locale, ed ha come fine l'indagine sui mezzi di vita degli abitanti, sulle risorse naturali, sulla posizione nel quadro nazionale, ecc.; e la seconda, è quella d'informare l'amministrazione pubblica sui problemi regionali, in modo che essi possano venir coordinati in sintesi nazionale.

Mostra, in seguito, come deve essere eseguita l'analisi regionale, che dev'essere presentata in carte, grafici e relazioni, da cui devono risultare: 1.º la popolazione, le sue occupazioni ed il suo tenor di vita; 2.º i fattori che influiscono sull'economia regionale; 3.º le modificazioni o gli scolluppi desiderabili; 4.º i programmi e le attuazioni. Per tali indagini devono essere scelte aree, della maggior possibile estensione, omogenee dagli aspetti economico e demografico; i centri urbani devono essere studiati a parte, data la peculiarità dei loro problemi. Un fine preliminare delle indagini dev'essere quello di accertare il materiale già esistente, ed uno successivo, quello di eseguire osservazioni che permettano di conoscere i tipi del paesaggio ed entrare in contatto con la popolazione, intendendone la psicologia ed apprezzandone i problemi.

Nessun altro paese ha tanta necessità di analisi regionali quanto il Brasile, con territorio così vasto, con bassa densità della popolazione e con arretrato sviluppo economico. L'autore mette in rilievo l'interesse che hanno destato i problemi regionali negli ambienti responsabili del paese, ed accenna ai provvedimenti presi per lo studio di essi, illustrando l'opera dell'Istituto Brasiliano di Geografia e Statistica, che ha promosso con tutti i mezzi tale attività, preparando tecnici e dividendo il Brasile in zone e regioni per facilitarne lo studio.

In conclusione, non si deve considerare la regione come una frammentazione politica, ma piuttosto come un complesso di elementi naturali, sociali e politici, coi suoi problemi peculiari, che devono essere conosciuti dall'amministrazione pubblica.

SUMMARY

JORGE ZARUR, the author, who is the Assistant-Secretary of the National Council of Geography, brings out in this work the problem of the studies of Regional Analyses, a problem which is closely allied to modern geography.

From the beginning, he appreciates that there are in vogue today two tendencies in geographical research. One of these considers the "region" as an indefinite and abstract thing, and the other considers it as a concrete fact, with definite attributes and real objectives.

The processes used by these two currents of thought when applied separately exclude each other, but when considered together, tend to complete each other. There are various definitions for "regions", and at each turn wide divergencies are found in the authors that deal with the subject. At times, the authors invalidate each other with their definitions. One is able to collect the various definitions into three groups. In the first group, the author classifies different definitions found in dictionaries, which are usually inaccurate and vague; in the second group, regionalism is focalized as being a homogeneous complex of static elements in which the factors of differentiation are "hysical or human" characteristics; in the third group, the definitions interpret the region as being an area essentially constituted of real, dynamic and interdependent physical and human elements.

He considers regional analyses of great economic, cultural, scientific and administrative usefulness and value. As for the method employed, the author says that the primary purpose of the regional analyses is of a local character and has for its purpose the investigation of the means of living of its inhabitants, the actual resources besides the soil, its relation to the nation as a whole, etc. Secondly, it should make known to the local government the regional problems, integrating those problems into what the author calls the "National Synthesis".

Then he shows how a regional analysis should be made that will be presented by maps, graphs and reports. They should show 1) population, its occupation and way of living, 2) factors that influence the regional economy, 3) direction of the desired readjustment or development, 4) programs and realizations. The areas for such experiments ought to be such that they are homogeneous from the economic and populational view-point; whereas, the centers of urban population should be studied separately as they present other complex problems. This method ought to be applied in as extensive areas as possible, and have as its objective verification of the material already existin gand then field work, to allow the observer to come in contact with the area and thus become better acquainted with the psychology and problems of its people.

The author says that no other country needs so much regional analyses as does Brazil, a country of great territorial extension, thinly populated and having a very weak economic development. He brings out the interest that the problem has been awakening among the influential circles of the country, and the measures that have been taken emphasizing the work of the Brazilian Institute of Geography in encouraging in every way activities of this type, such as preparing technicians and dividing Brazil into zones and regions in order to study it better.

Concluding, he says that one should not consider regionalism as political segmentation, as is customary, but consider the problem from the other aspect as being an integration of environmental, economic and social factors of a public nature, forming an entity with special problems which ought to be known by the government.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser, Professor JORGE ZARUR, Secretario-Assistente des C. N. G. beleuchtet in dieser Abhandlung das Problem der "Regionalen Analysen", ein Problem, welches heutzutage mit der modernen Geographie so eng verknüpft ist.

Er erläutert zunächst die beiden Richtungen, die heute in geographischen Forschungen üblich sind: erstens diejenige, welche den Begriff "Region" (região) als etwas Unbestimmtes

und Abstraktes anscht, und zweitens diejenige, welche diesen Begriff als eine konkrete Tatsache betrachtet mit scharfumgrenzten und ihr eigentümlichen Eigenschaften. Die Methoden dieser beiden Richtungen schliessen einander aus, wenn sie getrennt angewandt werden, ergänzen sich jedoch, wenn man sie gemeinsam in Betracht zieht. Die Definitionen des Begriffs "Region" (região) sind verschiedenartig, und man trifft bei den Autoren, welche dieses Thema behandeln, ständig auf weitgehende Meinungsverschiedenheiten in ihren Ansichten, so dass ihre Definitionen zuweilen einander ausschliessen — Man kann diese verschiedenen Definitionen in drei Gruppen zusammenfassen. — In die erste Gruppe gehören (nach der Klassifikation des Verfassers) die verschiedenen Definitionen, welche man in Wörterbüchern findet und welche im allgemeinen ungenau und unbestimmt sind; in der zweiten Gruppe wird der "Regionalismus" (regionalismo) dargestellt als ein homogenes Ganzes ständiger Bestandteile, dessen "physische und menschliche Eigenheiten die differenzierenden Faktoren sind. Die dritte Gruppe aber definiert die "Region" (região) als ein Gebiet, welches von Natur aus durch physische und menschliche reale Bestandteile gebildet wird, welche dynamisch wirken und von einander abhängig sind.

Der Verfasser hält die "regionale Analysen" für wertvoll und nützlich für die Volkswirtschaft, Kultur, Wissenschaft und Verwaltung. In Bezug auf die angewandte Methode ist nach seiner Meinung der Zweck der "regionalen Analyse in erster Linie lokal und soll die Existenzmittel der Einwohner, die natürlichen Hilfsquellen, abgesehen von Grund und Boden, ihre Lage in Hinsicht auf das nationale Gebiet als Ganzes etc. untersuchen und soll zweitens die Regierungsstellen in Kenntnis setzen von den regionalen Problemen, sie einfügen in das, was der Autor "nationale Synthese" nennt.

Darauf zeigt er, wie eine solche "regionale Analyse" gemacht werden soll, nämlich: durch Landkarten, graphische Darstellungen und Berichterstattungen, aus denen folgende Punkte ersichtlich sein sollen: erstens: die Bevölkerung, ihre Berufstätigkeit und ihr Lebensstandard; zweitens: Faktoren, welche die regionale Volkswirtschaft beeinflussen, drittens: Richtlinien für die Neuordnung oder wünschenswerte Entwicklungen, viertens: Pläne und Ausführungen. Die Gebiete für diese Versuche müssen solche sein, welche in Bezug auf Volkswirtschaft und Bevölkerung einheitlich sind, wobei die Zentren der städtischen Bevölkerung getrennt studiert werden müssen wegen ihrer anders gearteten und komplizierteren Probleme — Diese Methode soll auf möglichst grosse Gebiete angewandt werden und hat in erster Linie den Zweck, das bereits vorhandene Material zu sammeln und zweitens, Untersuchungen an Ort und Stelle anzustellen, welche dem Beobachter erlauben, mit der Landschaft in Berührung zu kommen und aus nächster Nähe die Bevölkerung, ihre Psychologie und ihre Probleme kennen zu lernen.

Nach der Meinung des Verfassers bedarf kein anderes Land so sehr wie gerade Brasilien solcher "regionalen Analysen", als Land von grosser territorialer Ausdehnung, geringer Bevölkerungsdichte und unzulänglicher wirtschaftlicher Entwicklung. Er betont das Interesse, welches dieses Problem bei den verantwortlichen Stellen des Landes hervorgerufen hat und die Massnahmen, die ergriffen worden sind, unter welchen sich die Tätigkeit des "Instituto Brasileiro de Geografia" auszeichnet, welches alle Mittel anwendet, um in diesem Sinn zum Handeln anzuregen, indem das "I. B. G. E." Techniker vorbereitet, Brasilien in Zonen und Gebiete einteilt, um es besser erforschen zu können etc.

Abgeschlossen sagt der Verfasser, dass man den "Regionalismus" nicht als politische "Aufteilung" ansehen darf, wie das manchmal geschieht, sondern das Problem von einem andren Standpunkt aus betrachten muss, nämlich so, dass man den "Regionalismus" als Zusammenfassung der verschiedenen Faktoren ansieht: natürlicher, wirtschaftlicher, sozialer und solcher der öffentlichen Ordnung, welche ein Ganzes bilden mit ihm eigenen Problemen, von welchen die Regierungen Kenntnis haben müssen.

RESUMO

La aŭtoro, Prof. JORGE ZARUR, Asistanta Sekretario de la Nacia Konsilantaro de Geografio, enfokusigas en tiu ĉi artikolo la problemon de la studoj de Regionaj Analizoj, problemo kiu estas hodiaŭ tiel ligata al la moderna geografio.

Li taksas komence la du hodiaŭ ŝatatajn fluojn pri geografiaj esploroj: la fluon de tiuj, kiuj konsideras la "regionon" kiel nedifinitan, abstraktan aĵon, kaj la fluon de tiuj, kiuj ĝin rigardas kiel konkretan fakton, kun difinitaj atributoj kaj realaj celoj.

La procedoj uzataj de tiuj du fluoj sin forigas reciproke, kiam ili estas aplikataj aparte; sed kiam oni ilin konsideras kune, ili sin interkompletigas. La difinoj pri "Regionoj" estas diversaj, kaj ĉiupaŝe oni trovas profundajn malakordojn ĉe la aŭtoroj, kiuj traktas la aferon kaj kies difinoj kelkfoje sin reciproke nuligas. Oni povas kolekti tiujn diversajn difinojn en tri grupojn. En la unua grupo la aŭtoro klasigas la diversajn difinojn kiujn oni trovas en vortaroj kaj kiuj estas ĝenerale malprecizaj; en la dua grupo la regionismo estas enfokusigata kiel homogena komplekso de statistikaj elementoj, en kiu la diferencigaj faktoroj estas la "fizikaj aŭ homaj" karakterizaĵoj. En la tria grupo la difinoj interpretas la regionon kiel areon propre konsistigitan de fizikaj kaj homaj elementoj, realaj, dinamikaj kaj interdependaj.

Li opinias ke la regionaj analizoj estas grandvaloraĵ kaj havas ekonomian, kulturalan, sciencan kaj administran utilecon. Pri la uzata metodo la aŭtoro diras ke la unua funkcio de la regiona analizo havas lokan karakteron kaj celas la informigon pri la vivrimedoj de la loĝantoj, la naturkapabloj krom la tero, la situacio en la nacia tuto, k. t. p., kaj la dua funkcio estas konigi al la publikaj povoj la regionajn problemojn, kiuj estas tiel enkalkulitaj en tion, kion la aŭtoro nomas "Nacia Sintezo".

Poste li montras kiel oni devas fari regionan analizon, kiu devas esti prezentata per mapoj, grafikaj kaj raportoj. En tiuj oni menciuj: 1e. loĝantaron, ĝian okupiĝon kaj vivnormon; 2e. faktorojn kiuj influas sur la regionan ekonomion; 3e. direkton de la dezirindaj realĝustigo aŭ disvolviĝo; 4e. programojn kaj realigojn. La areoj por tiaj provoj devas esti tiuj, kiuj montriĝas homogenaj laŭ ekonomia kaj loĝanta vidpunkto; tamen la urbaj loĝantarcentroj devas esti studataj aparte pro la komplikeco de aliaj problemoj. Tiu metodo devas esti aplikata en kiel eble plej vastaj areoj, kaj ĉelas unue konstati la jam ekzistantan materialon kaj due plenumi kamplaboron kiu ebligas al la observanto kontaktiĝi kun la pejzaĝo kaj koni de proksime la loĝantaron, ĝian psikologion kaj ĝiajn problemojn.

Koncerne Brazilon la aŭtoro diras ke neniu alia lando bezonas regionajn analizojn tiom kiel tiu ĉi lando kun granda teritoria amplekso, malgranda demografia denseco kaj nefirma ekonomia disvolviĝo. Li reliefigas la intereson, kiun la problemo estas vekinta ĉe la prirespondataj medioj de la lando, kaj la faritajn paŝojn, akcentante la agadon de Brazilo Instituto de Geografio, kiu stimulas laŭ ĉia maniero la celtaŭgajn laborojn, preparas teknikistojn kaj dividis Brazilon en regionojn por pli bone ĝin studi.

Finante, li diras ke oni ne devas rigardi la regionismon kiel politikan disigon, kiel oni kutime diras, sed konsideri la problemon el alia vidpunkto, nome, la regionismo estas integraĵo de mediaj, ekonomiaj, socialaj, publikklasaj faktoroj, kiu formas estaĵon havantan specialajn problemojn, kiuj devas esti konataj de la registaroj.